



## O PROCESSO DE MIGRAÇÃO DO RÁDIO AM EM CRICIÚMA

Douglas de Freitas Sartor <sup>1</sup>

Karina Woehl de Farias <sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta como tema de pesquisa a migração do rádio AM para o FM nas duas emissoras em Amplitude Modulada de Criciúma-SC. O trabalho buscou conhecer em que fase está o processo migratório das rádios Hulha Negra AM 1450 e a Rádio Eldorado AM 570. O objetivo foi identificar como está o andamento do procedimento que transfere o AM para o FM no município, bem como dados sobre o cenário em Santa Catarina. Para chegar aos resultados, foram aplicados questionários e entrevistas voltadas aos representantes das rádios, com a Associação Catarinense de Rádio e Televisão (Acaert) e com técnico em eletrônica. Os resultados mostraram que as empresas têm ainda um longo caminho até a mudança no dial e que os motivos para a transferência estão relacionados à necessidade tecnológica, convergência e a qualidade do som.

**Palavras-chave:** Rádio AM. FM. Migração.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos seus anos de trajetória o rádio passou por grandes mudanças, seja desde a chegada da televisão até, a convergência, e agora ganhando espaço com o *mobile*. O surgimento do FM foi também uma grande transformação para o meio radiofônico. Com quase 100 anos de existência no Brasil, o rádio, que até então era predominantemente AM, segundo Jung (2004), ganhou na década de 70 uma nova faixa, a frequência modulada. Atualmente, o rádio está no meio de um processo importante na sua história brasileira com a migração do AM para o FM. Por se tratar de um tema atual e que é novidade no país, este trabalho de pesquisa possuiu como tema central essa mudança de faixa, que já iniciou no Brasil, das emissoras AM (Ondas Médias) para a faixa FM (Frequência Modulada). Neste artigo, pretende-se verificar em que fase está o processo migratório de duas emissoras AM de Criciúma, Rádio Hulha Negra AM 1450 e Rádio Eldorado AM 570. Ambas pediram a autorização para realizar a mudança de faixa. O objetivo geral

---

<sup>1</sup> Graduado em Jornalismo pela Faculdade Satc. E-mail: [douglas-sartor@hotmail.com](mailto:douglas-sartor@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Jornalismo pela UFSC, Professora da Faculdade Satc. E-mail: [fariaskaki@gmail.com](mailto:fariaskaki@gmail.com)



será saber qual foi o motivo para as duas rádios da cidade cricumense pedirem a transferência do dial.

Entre os objetivos específicos, será verificar qual o cenário atual da migração em Santa Catarina a partir de dados da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (Acaert). O trabalho ainda irá identificar se a programação das duas emissoras cricumenses irá mudar ou não. Saber quando a frequência modulada será implantada em Criciúma e o que está impedindo que a migração ocorra de vez em Santa Catarina. Para chegar aos objetivos foram realizadas entrevistas semiestruturadas e questionários com perguntas abertas. Os entrevistados foram o presidente da Associação Catarinense de Rádio e Televisão, Rubens Olbrischi, a gerente da Rádio Hulha Negra, Carol Salvaro, o coordenador de jornalismo da Rádio Eldorado, João Paulo Messer, e o técnico de eletrônica, Emerson Martins.

A migração vem sendo discutida na atualidade por membros do meio radiofônico, mas começou a ser levantada a possibilidade alguns anos atrás. O primeiro grande passo para a migração ocorreu no dia 7 de novembro de 2013, quando foi realizada a assinatura e divulgação de um decreto presidencial, que autoriza as rádios a irem para a frequência modulada. Esse processo migratório era um pedido antigo das emissoras AM do país.

Em busca de uma maior qualidade no som e menos interferências no sinal, os radiodifusores defendem que a mudança para a frequência modulada vai potencializar o desenvolvimento do meio. O processo chegou ao terceiro ano desde a sua liberação pela presidência. Em 2016, a mudança registrou grandes avanços, já que iniciou a migração de algumas rádios. No Brasil, a primeira emissora a migrar foi a Rádio Progresso, de Juazeiro do Norte (CE), no dia 18 de março de 2016. Agora, a emissora opera na frequência 97.9. Segundo a Acaert, a assinatura dos aditivos<sup>3</sup> é considerada uma das últimas etapas antes de operar na nova faixa. Depois, as rádios precisam apresentar uma proposta de instalação do FM e solicitar a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) a permissão do uso da radiofrequência. O processo, além dos caminhos citados acima, inicia com o pedido

---

<sup>3</sup> Conforme o autor deste artigo, aditivos são todos os documentos necessários reunidos pela emissora de rádio para formalizar junto ao órgão regulador a liberação de um canal na faixa, seja AM ou FM.



e a quitação do boleto da diferença da outorga, já que o valor é maior para operar no FM em relação ao AM. O montante para pagar a diferença varia de cidade para cidade, pelo radiodifusor e é emitido pelo Ministério das Comunicações para a migração de faixa. Depois que o órgão regulador gera a liberação, os veículos já podem começar a transmitir a programação na faixa modulada.

Ainda algumas dúvidas cercam todo esse processo de migração no país. Não se sabe ainda quando que a migração será concluída, nem o que será feito com o AM. O certo é que o rádio está passando por uma nova transformação tecnológica, seguindo uma sequência de adaptações que o dial vem tendo ao longo da sua existência. Como citado no início do trabalho, o próprio surgimento do FM foi um grande avanço e alterou o cotidiano do rádio brasileiro.

## **2 A TRANSFORMAÇÃO PARA UM NOVO RÁDIO**

Os programas de uma emissora de rádio são criados e veiculados conforme o público ouvinte. Para definir a quem se está falando, as rádios consideram os aspectos demográficos socioeconômicos da região em que foi instalada.

Resumindo, portanto, define-se segmentação como um processo que, a partir dos interesses dos ouvintes e dos objetivos da empresa de radiodifusão sonora, se adapta parte ou totalidade de uma programação a um público específico. Considera-se, assim, não apenas classe social, faixa etária, sexo e nível de escolaridade, mas sim interesses determinados como, por exemplo, as preferências do grupo ao qual o indivíduo pertence (FERRARETTO, 2001, p. 54).

Em 1990, surgiu a primeira emissora com o intuito de fazer jornalismo na frequência modulada. O feito foi realizado na CBN, de São Paulo. Atualmente é mais comum ouvir informações nas FMs. A Jovem Pan, por exemplo, possui programas jornalísticos, que leva informação ao ouvinte.

Hoje, ao passar pelas estações, é possível encontrar rádios especializadas em música sertaneja, MPB, pop, rock, jazz, erudita, mensagens religiosas e, também, em jornalismo. Foi quebrado um paradigma do rádio brasileiro. FM não serve apenas para tocar música, mas, também, notícia (JUNG, 2004, p. 47).



Tendo duas faixas e com programações distintas, a linguagem não era a mesma na AM e no FM. Como nas ondas médias buscou-se priorizar a informação, o apresentador precisar passar segurança e credibilidade na sua voz. Já na outra frequência, por ser mais de entretenimento, os locutores eram mais descontraídos ao transmitir os programas.

A comunicação será mais completa e eficaz dependendo da proximidade sócio-cultural dos códigos do emissor e do receptor. Para a eficácia da mensagem é também necessário um equilíbrio entre informação estética e semântica, pois ambas representam de forma mais completa a polissemia que abrange toda produção de significado e sua interpretação em um comunicativo (BALSEBRE, 2005, p. 328).

Ainda segundo Jung (2004), as emissoras FMs passaram a tratar a linguagem no rádio menos formal, visando uma narração espontânea. Ainda de acordo com o autor, poucos veículos ajudaram tanto a espalhar a língua inglesa no Brasil como o rádio FM.

O surgimento do FM causou mudanças no meio radiofônico. Nesses quase 100 anos de história no Brasil, o rádio sempre se transformou quando sofreu interferências tecnológicas. Agora, AM e FM estarão novamente juntos, num mesmo dial, e é preciso perceber as mudanças que a migração irá causar no rádio brasileiro como num todo.

O processo de mudança mais atual que passa o rádio é a migração do AM local. É importante explicar que a mudança não é obrigatória. Conforme o Ministério das Comunicações, as que estão classificadas como regional e nacional não serão obrigadas a realizarem a troca de faixa. Esse dado é destacado por Betti (2015).

Caso não tenha interesse em migrar, ou seja, constatado que, por questões técnicas, a migração não será possível, a emissora poderá solicitar a adequação de frequência, deixando a emissora de ser local e passando a ser regional. De tal modo, reforçamos que as emissoras com cobertura regional e nacional não sofrerão alterações com o decreto (BETTI, 2015, p. 11).

O processo de migração não surgiu apenas nesse ano, já que ganhou mais evidência por ter apresentado evolução, em relação aos últimos anos. Em um estudo divulgado pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em 2010, já citava os principais pontos que levam a esse processo.



Já faz algum tempo que a radiodifusão sonora em OM vem lentamente definhando. Além da notória diferença na qualidade do áudio para as rádios FM, o crescimento urbano aumenta cada vez mais o patamar do nível de ruído e polui a faixa com emissões espúrias, deteriorando a qualidade do áudio e prejudicando a área de cobertura das emissoras. A urbanização também prejudica a condutividade do solo, essencial para a transmissão em OM (ANATEL, 2010, p. 9).

Além da qualidade do som, outro ponto levado em consideração foi o alto custo de instalação e equipamentos da AM.

Além disso, as estações de OM têm custos de instalação e manutenção muito maiores - são grandes torres que consomem uma substancial quantidade de energia para operar. E a potência de operação muda conforme o período do dia - à noite é preciso diminuir a potência devido ao fenômeno da propagação ionosférica, típica da faixa de OM, que aumenta o nível de interferência entre as emissoras. Para piorar a situação, os receptores de AM são cada vez mais raros, ao contrário dos de FM, cada vez mais portáteis e mais integrados aos celulares, tocadores de MP3 e diversos outros dispositivos eletrônicos. Tudo isso afasta os ouvintes, afeta o market-share das emissoras e põe em risco sua própria subsistência (ANATEL, 2010, p. 9).

No dia 7 de novembro de 2013, um importante passo foi dado. Ocorreu a assinatura e divulgação do decreto presidencial nº 8.139, que autorizou a migração das emissoras de rádio AM para o FM, ou frequência modulada. Segundo o Ministério das Comunicações (MC), a autorização atende a um pedido antigo dos radiodifusores. Um dos motivos para o pedido, é que as AMs sofrem com interferências no sinal de transmissão, como citado anteriormente, e não podem ser sintonizadas por dispositivos móveis. Ainda conforme o MC, com a mudança as emissoras possuem expectativas de recuperarem a audiência.

Os celulares e smartphones também impactaram negativamente o rádio AM, isto por que os aparelhos com rádio integrado permitem sintonizar apenas o FM. A personalização modificou também o hábito de escuta nos automóveis. Com as playlists pessoais a programação musical ficou ainda rara nas AM, restando restrita à poucos programas populares ligados à cultura local (BETTI, 2015, p. 6).

Das 1.781 emissoras AM do Brasil, segundo dados do MC, 1.384 pediram para mudarem de faixa. Elas foram divididas em dois grupos. O primeiro reúne 948, que conta com emissoras em que nas localidades onde estão instaladas o espectro do FM comporta a entrada das rádios. O segundo grupo conta com 436 e elas dependem do desligamento dos canais 5 e 6, hoje usados pela televisão com sinal



analógico. Por isso depende de quando o governo digitalizar por completo a TV brasileira. Essas rádios constituem o lote residual, que consiste em emissoras que não possuem espaço no espectro onde estão situadas.

Esse segundo processo de liberação dos canais é chamado pelo Ministério das Comunicações como *dial estendido*. Isso porque atualmente o espectro vai de 87.9 MHz a 107.9 MHz. Com a digitalização da televisão brasileira, as rádios FMs serão sintonizadas de 76 MHz a 107.9 MHz, para comportar outros canais em um espectro somente.

Em Santa Catarina, de acordo com o MC, existem 108 emissoras AM. Sendo que dessas, 100 pediram para migrarem para o FM. O MC divulgou uma lista com todos os radiodifusores do país que fizeram o pedido para a migração. Na Região Sul, das 17 existentes, 16 emissoras pediram para mudar de frequência. Apenas uma emissora, situada em Tubarão, não quis trocar de faixa. Na Amrec (Associação dos Municípios da Região Carbonífera), todas as rádios pediram para mudar de faixa, seis no caso. Uma em Lauro Müller, Urussanga, Içara e Orleans e duas situadas em Criciúma, a Rádio Hulha Negra e Rádio Eldorado.

No dia 10 de março de 2016, o ex-ministro das Comunicações, André Figueiredo, participou de uma reunião com associações de rádios comerciais e comunitárias para analisar o processo de migração. Ele afirmou que 78% das emissoras comerciais desejam mudar para o FM.

O processo de migração não é tão fácil e por isso dificulta um pouco a agilidade. Para realizarem a mudança de faixa, as rádios terão que assumir alguns custos, como o pagamento da diferença da outorga da OM para a FM. O valor pode variar de R\$ 30 mil a R\$ 4,5 milhões, segundo o Senado Federal. Para realizar o cálculo e chegar no número final são levados em considerações fatores como potência, população, indicadores econômicos e sociais do município em que a emissora está instalada.

### **3 A MIGRAÇÃO DA HULHA NEGRA E DA ELDORADO**

A migração quando foi autorizada pelo governo brasileiro deixou os radiodifusores esperançosos com o futuro do rádio no Brasil. Segundo o presidente da Acaert, Rubens Olbrisch, o processo migratório dará uma sobrevida ao rádio.



Além de buscar novos ouvintes, um público mais jovem, os radiodifusores poderão ter melhoras no faturamento com a publicidade. Segundo Olbrisch (2016), a migração dará a possibilidade de novos investimentos de empresas com anúncios.

A convergência do rádio para os meios digitais através de aplicativos e redes sociais possibilitou uma maior instantaneidade das informações e interatividade com o ouvinte. Com a migração, emissoras que já tinham uma história quase centenária, passam a escrever um novo capítulo de suas biografias, mas agora, através de um canal com maior qualidade de transmissão. A tendência é o meio publicitário perceber essa nova realidade, e destinar uma fatia maior do bolo publicitário para os anúncios em rádio, como já vem acontecendo em países como os Estados Unidos (OLBRISCH, 2016).

O processo migratório vem ocorrendo de uma forma lenta e ainda existem algumas dúvidas sobre a mudança. Para entender este novo momento, nos propomos a entender quais as transformações que irão influenciar no futuro do rádio. Para isso, foram pesquisadas duas emissoras, Rádio Hulha Negra AM 1450 e Rádio Eldorado AM 570, por se tratarem das únicas em ondas médias da cidade. A Eldorado é a mais antiga, tendo seus primeiros registros nos anos 40. Ainda sem a liberação do Ministério da Aviação, responsável na época pela liberação de canais para emissoras, a rádio transmitia programas, que eram ouvidos na Praça Nereu Ramos, o famoso serviço de autofalantes “*Voz de Criciúma*”. Após conseguir uma frequência no espectro, ela operou em caráter experimental por alguns meses, até que foi registrada oficialmente em novembro de 1948. O principal fundador foi o médico José de Patta, italiano da cidade de Nápoles. Além dele, também ajudaram na criação da emissora Cláudio Schueller, Manif Zacharias, Luiz Napoleão, Nereu Thomé e Ire Guimarães<sup>11</sup>. Atualmente a emissora tem 76 anos de existência e foca a sua programação mais para o jornalismo, com notícias, com destaque no esporte, com a cobertura diária do Criciúma Esporte Clube.

A Hulha Negra existe há mais de 25 anos e passou em 2002 por uma grande reestruturação. Na época, a família Salvaro, dona da emissora até hoje, promoveu essa mudança e deixou a rádio mais popular, com uma programação voltada mais para a comunidade. Antes disso, nos anos 90, a emissora chegou a ficar com suas atividades suspensas por conta de uma troca no comando. Atualmente ela abrange mais de 55 municípios.



Ambas pediram para migrar, mudança essa que é uma reivindicação antiga de quem está inserido no meio radiofônico. A ex-presidenta Dilma Rousseff, assinou um decreto presidencial que autorizava a migração das emissoras AM para o FM. O processo migratório deu aí um grande passo para uma nova fase do rádio brasileiro. Três anos após ter sido assinado o decreto sobre a migração, ocorreu no dia 7 de novembro mais um avanço.

Como já vimos nesse artigo a migração não é obrigatória. Conforme Betti (2015), sendo detectado que a emissora que não migrou por questão técnica, poderá solicitar a adequação da frequência, passando de local para regional. Portanto a migração não chega a impactar problemas para as rádios regionais e nacionais já existentes. “De tal modo, reforçamos que as emissoras com cobertura regional e nacional não sofrerão alterações com o decreto” (BETTI, 2015, p. 11).

O processo migratório das rádios Hulha Negra e Eldorado vem se arrastando há algum tempo. Conforme a gerente da Hulha Negra AM, Carol Salvaro (2016), o pedido para migrar foi realizado há aproximadamente dois anos. Já em relação a Eldorado AM, o coordenador de jornalismo, João Paulo Messer (2016), revela que o pedido “tem mais ou menos um ano e meio, logo que se definiu essa questão da migração, logo que abriu a possibilidade”.

Um fato novo foi detectado ao realizar as entrevistas com os dois representantes das emissoras. Tomou-se conhecimento que tudo que está envolvido ao processo migratório está sendo comandado, além das direções das rádios, pela empresa ME Eletrônica Ltda, com sede em Porto Alegre.

O representante da empresa aqui na região é o técnico de eletrônica Emerson Martins (2016), que já presta trabalhos referentes a rádios nas cidades do sul do estado. É ele quem está comandando o processo migratório de quase todas as emissoras de Criciúma e cidades vizinhas, dando auxílio técnico. Assim, entendeu-se ser necessário realizar entrevista para com o técnico para esclarecer melhor o processo na região.

Como já citado neste artigo, as etapas até a conclusão da migração são muitas, principalmente nas questões burocráticas. Conforme o técnico de eletrônica, atualmente, as duas emissoras criciumenses estão com os pedidos sendo analisados, e ainda não tiveram os canais no FM definidos.



Sendo assim, não podem ser levadas para as assinaturas dos aditivos. Elas estão na lista de espera para terem a autorização do Ministério das Comunicações. Messer (2016) revela que burocraticamente essa é a fase em que está o processo da Eldorado.

Segundo ele, a cada novidade relacionada a essa questão a diretoria se reúne para analisar e executar o que precisa. Mas ele alerta que num todo, o processo está em *stand-by*. O processo chegou numa fase que é preciso esperar a definição do governo para avançar de etapa. Ainda existem muitas dúvidas girando em torno da migração e aqui em Santa Catarina, a Acaert vem auxiliando, sempre buscando esclarecer.

O coordenador de jornalismo destaca um ponto que ainda gera dúvida, que está relacionada a parte dos técnicos, com a qualidade dos novos equipamentos que as rádios precisarão adquirir para transmitir em FM. Os aparelhos são diferentes em relação aos utilizados no AM. Ele aponta que as próprias pessoas especializadas nessa área sugeriram para não acelerar a fase migratória.

Esses técnicos estão entrando em equipamentos do mercado e alguns pelo que a gente sabe não estão totalmente aprovados pelos técnicos. Então uma própria recomendação dos técnicos é que a gente aguarde um pouquinho pra comprar esses equipamentos. Então é questão de conferir a qualidade desses equipamentos. Eu diria que hoje está num processo de *stand-by* não perdendo prazos (MESSER, 2016).

Em relação a Hulha Negra, Salvaro (2016) afirma que há intenção de migrar assim que sair a liberação, que ainda não tem data definida para ocorrer, nem no dia 7 de novembro, quando o governo assinou 244 termos aditivos.

Mesmo demonstrando interesse em mudar, a projeção para migrar não é tão próxima assim. “Isso é uma coisa para ser executada ao longo de 2017, acredito que lá para o final do ano de 2017 a gente começa. Eu diria assim, que a gente pode contar, de uma rádio que temos, duas para 2018, antes de 2018 não” (MESSER, 2016).

Para entender melhor essa colocação, é preciso explicar que a empresa já conta com uma FM, que transmite a programação simultânea que é produzida no AM. Com a migração, a Eldorado passará a operar com duas emissoras na frequência modulada. É nesse ponto que surge uma dúvida de como o grupo com



duas emissoras no FM, inclusive com o mesmo nome, fará em relação a programação?

Messer (2016) optou por não revelar mais detalhes de como farão isso, mas garantiu que existem projetos para ambas.

Necessariamente vão ser duas rádios. Até porque deixa de existir o AM. Desde todo e sempre a Eldorado sempre foi pioneira em todos os projetos e não está sendo diferente nesse agora. Houve um período em que a rádio Eldorado era também dona da rádio Difusora de Laguna e a emissora está a frente inclusive da Eldorado nesse processo. Já foi isso por aqui, foi antecipado por aqui, com o objetivo de até como experiência, como teste, aquela rádio de Laguna, até porque ela é mais antiga que a própria Eldorado. Então é inevitável que nós vamos trabalhar isso. Ou seja, a Eldorado irá virar duas Eldorados. Existem alguns projetos, tem coisas que é preferível não revelar nesse momento, mas eu diria assim: nós temos projetos para as duas rádios, quanto antes possível nós faremos a migração (MESSER, 2016).

A Hulha Negra irá passar por uma situação parecida na questão de operar com duas FM's. O grupo dono da rádio atualmente já possui uma na frequência modulada, a Rádio Voz da Vida 104.3 FM. A diferença está que as programações já são bem distintas, contando com apenas alguns programas transmitidos nas duas faixas. Com isso, não será problema possuir duas emissoras no mesmo espectro e não afetará nenhuma das duas.

Sim, já trabalhamos assim hoje. No mesmo prédio temos a Rádio Voz da Vida, esta já no FM com uma programação voltada ao público católico. A Hulha Negra passando para FM não influenciará muito em nossos ouvintes. Alguns dos programas já fizemos de forma "casada", como: Jornada Esportiva e o Balcão de Negócios (SALVARO, 2016).

Sendo assim, com base nas duas colocações, a Eldorado terá que distinguir a programação das duas FM's, podendo seguir o exemplo da Hulha Negra. Duas emissoras no mesmo espectro e com a mesma programação, talvez não irá atrair muita publicidade e novos ouvintes.

O motivo que levou as rádios cricumenses a realizarem o pedido de migração difere em alguns pontos entre as duas existentes na cidade. De acordo com Messer (2016), a Eldorado começou a discutir sobre esse assunto porque os técnicos, da empresa gaúcha, levaram aos diretores a possibilidade de mudança de espectro. Sendo assim, a parte técnica foi um dos principais motivos para as emissoras discutirem o processo migratório.



Nós temos um escritório do Rio Grande do Sul (cuida de várias rádios aqui de SC e do Brasil) que cuida de toda parte burocrática e técnica da Rádio Eldorado. Foram eles que trouxeram para nós a necessidade e a tendência. Então imediatamente se acatou e começou a se discutir (MESSER, 2016).

Um dos motivos para os radiodifusores lutarem tanto pela mudança de faixa é a melhora do som, que possui mais qualidade no FM. Salvaro (2016) elencou esse fator com um dos principais motivos para migrar. Segundo ela, o AM sofre influência de vários meios como clima, construções, aparelhos elétricos, fator defendido por Martins (2016). A migração irá, além de melhorar a transmissão, acabar com as interferências durante a programação, deixando o som mais limpo, sem chiado. A gerente ainda enumera “outros fatores que levaram a decisão. 2. Pela tendência – Além da faixa etária mais jovem preferir emissoras FM, o sinal hoje está presente em celulares, tablets. 3. Manutenção – Os equipamentos têm um consumo de energia menor (desde o transmissor à mesa de som) e a manutenção dos aparelhos é menor”. Nota-se que a Eldorado preferiu migrar pela tendência, mas quem trouxe a necessidade foram técnicos. Já a Hulha Negra está mais atenta a questão da convergência e a conquista de um público mais jovem.

Agora, do ponto de vista comercial, a migração é uma alternativa importante para dar mais qualidade de transmissão para as emissoras, eliminando a interferência no sinal, possibilitando que ela seja sintonizada em dispositivos móveis, como celulares e tablets que tenham chips FM. Com isso, o ouvinte ganha na qualidade do serviço (OLBRISCH, 2016).

A convergência para os aparelhos *mobiles* deverá ser muito explorada pelas rádios. Elas se depararão com outro tipo de público, aquele que em algum momento já ouviu o AM, mas por conta da globalização, no cotidiano mais acelerado, deixaram de sintonizar nas Ondas Médias. Isso porque os *smartphones* vêm somente com o FM, assim como outros aparelhos digitais. Nos carros o AM até está presente, mas por conta das interferências nas transmissões, o ouvinte deixa de ficar no AM e passa a ouvir programas na frequência modulada. As emissoras já vinham tentando essa aproximação com esses ouvintes, por meios de interação por aplicativos e páginas nas redes sociais. A migração surge para ajudar e quem sabe trazer de volta o público mais jovem, que está ligado nas transformações tecnológicas. O processo migratório coloca o rádio brasileiro alguns passos adiantes, acompanhando as mudanças tecnológicas do mundo.



O rádio vem se adequando a necessidade de quem o ouve. Nos primeiros anos do surgimento do FM, tinha-se a ideia de que o AM era notícia e o FM música. Segundo Jung (2004), ocorreu uma experiência em São Paulo nos anos 90, realizada pelas Organizações Globo. Uma emissora FM reproduziu programações da CBN AM. Apesar de não ter tido muito sucesso no início, essa experiência foram os primeiros relatos de jornalismo no FM e só aumentou com o passar dos anos. Foi ficando mais comum se ouvir mais informação jornalística durante a programação. Para Jung (2004), foi quebrado esse paradigma de que a frequência modulada só serve para música.

É notável que a programação é um pouco diferente entre rádios das duas frequências. Vale ressaltar que para alguns radiodifusores atualmente a faixa não influencia tanto assim a forma de fazer o rádio. Isso é defendido pelos representantes das duas emissoras de Criciúma. Esse não é o pensamento do presidente da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (Acaert), Rubens Olbrisch, que para ele a programação poderá sofrer algumas mudanças. “Importante destacar também, que a programação fica mais regionalizada, oferecendo mais informações da região para o público, mantendo a essência do rádio, principalmente nas cidades do interior” (OLBRISCH, 2016).

Nas entrevistas com os representantes das AMs de Criciúma, foi observado que realmente o jornalismo estará cada vez mais no FM, mas ambos relataram que a programação não irá sofrer alterações. Tanto Salvaro (2016), quanto Messer (2016), disseram que as programações das duas emissoras já estão dentro do que é exigido na fase em que passa o rádio, com música e informação. “Em termos de programação, nós estamos bem alinhados com o momento, com a era que estamos vivendo. A programação independe da migração” (MESSER, 2016).

O mesmo vale para a linguagem dos apresentadores. Com base nas entrevistas, chegou-se a conclusão de que a linguagem não sofrerá alterações, pelo menos nas rádios cricumenses. Para Salvaro (2016), “nossa rádio hoje já tem uma linguagem bem voltada ao povo, com vocabulário simples”. Agora não é possível saber se as duas rádios estão certas em não alterar em nada a programação e até a linguagem dos locutores. Isso saberemos somente quando elas migrarem, mas fazendo uma comparação histórica, existe uma diferença na programação e principalmente na linguagem. Jung (2004), explica que as



emissoras FM passaram a tratar a linguagem menos formal, ao contrário do AM, que é mais formal, frisando a segurança ao transmitir uma informação, com seriedade, para demonstrar credibilidade.

O rádio brasileiro está passando por um período de transição com a indefinição do padrão digital a ser adotado e a migração das emissoras OM para a faixa FM. No entanto, o atual cenário não fornece indícios de que estas transformações irão resultar na diversificação das vozes ou na ampliação da participação popular na nova configuração do dial, ao menos no que se refere às emissoras comerciais (BETTI, 2015, p. 1).

Betti (2015) confirma que está muito cedo ainda para saber se a forma de fazer rádio, questão de programas e a fala do locutor, irá mudar ou seguirá a mesma. Principalmente no estado, apesar do presidente da Acaert defender que a programação sofrerá alterações, com somente três rádios que migraram, ainda não é suficiente para ter uma posição definitiva sobre o assunto.

Olbrisch (2016) revela que além das 108 emissoras AM, o estado possui 146 FMs. Esse número é baseado apenas nas rádios associados a Acaert. Atualmente Santa Catarina possui três emissoras, que já operam no FM, como citado anteriormente. Das 108, como já mencionado antes, 100 pediram para migrar. Olbrisch (2016) destaca que as que não realizaram o pedido continuarão operando em AM, já que não é obrigatório mudar de faixa. Para a emissora que for para o FM estendido, poderá operar nas duas faixas ao mesmo tempo por até cinco anos. Segundo Olbrisch (2016), o governo ainda não divulgou o que será feito com as Ondas Médias, nem o que acontecerá com as rádios que não migrarem. Por enquanto o que se sabe é que elas continuam no espectro, junto com as emissoras consideradas regionais ou nacionais. Sobre essas rádios também não se tem muita informação.

Se o AM acabará ou não, é difícil de saber, já que não se tem informações sobre o futuro dele. Para o presidente da Acaert, dificilmente não existirá mais.

Difícilmente o AM irá acabar, o que deve acontecer é uma nova forma de utilizar esse poderoso canal de comunicação. Assim como o FM dará sobrevida a maioria das emissoras comerciais, as que permanecerem no AM, certamente encontrarão um novo formato que impulse esse modelo de negócio (OLBRISCH, 2016).

Santa Catarina terá um problema para concluir em 100% a migração. Atualmente o espectro do FM no estado não comporta todas as emissoras que



desejam mudar de faixa. Nesse caso, surge a questão do dial estendido, que no momento da autorização do processo migratório, começou a ser levantado pelos radiodifusores. Era esperado que o FM não iria ter espaço para receber as rádios AM. Visando solucionar esse problema, ficou definido nas cidades onde o espectro não teria canais suficientes, as emissoras seriam colocadas nos canais 5 e 6 da TV, que serão liberados após a digitalização. Com isso, assim como é esperado em outros estados, no estado o processo só irá concluir quando a TV sair do analógico.

Sim, em diversas cidades catarinenses só com o desligamento da TV analógica, dos canais 5 e 6, será possível encaixar todas as emissoras AM que pretendem migrar para o FM. Santa Catarina ainda tem o agravante de estar em uma área de fronteira, o que depende de acordos com outros estados e países. Portanto, a migração ainda deve levar um tempo para ser totalmente concluída aqui no estado e, certamente, passa pelo uso do dial estendido (OLBRISCH, 2016).

Criciúma não sofrerá desse impasse, já que o espectro do FM comporta as duas emissoras, aliás, em toda a região sul não será necessário o dial estendido. Isso quem defende é Martins (2016), “existe inclusive no início do processo de migração já foi sugerido ao ministério das comunicações canais de FM disponível para novas emissoras”.

Sabemos que o dial estendido significa que o espectro, que hoje vai de 87.9 MHz a 107.9 MHz, passará a existir a partir do 76 MHz a 107.9 MHz. Comercialmente este será um outro problema. Os aparelhos de rádio de hoje não possuem o espectro até o 76 MHz, isso inclui os famosos radinhos portáteis e os de carro. Será preciso que seja fabricados novos aparelhos com o espectro estendido, para que os ouvintes possam sintonizar a rádio preferida. No caso dos *smartphones* e *tablets*, por exemplo, também será preciso fazer algo, nem que seja uma atualização dos aplicativos.

Isso é mais um indício de que a migração irá demorar mais um pouco para ser concluída no estado. Aliás, nas entrevistas com os representantes das duas rádios e com o presidente da Acaert, a burocracia foi citada, ao perguntar sobre o que está deixando o processo lento. Olbrisch (2016) cita que existem barreiras técnicas, jurídicas, políticas e econômicas e que é natural que o processo fique lento. Para Salvaro (2016) tudo o que envolve processo no Brasil é lento, com essa migração não seria diferente. A gerente coloca outro fator, que também influencia



na demora. “São muitas emissoras com potências muito altas migrando, e a faixas que hoje existem na FM não comportam essa migração. Penso que se algumas emissoras aceitassem reduzir um pouco de sua abrangência, tornaria um pouco mais rápido esse processo” (SALVARO, 2016).

Messer (2016) reconhece que a burocracia no Brasil deixa qualquer coisa lenta, que impede o andamento, mas para ele isso é normal. O coordenador justifica que tudo que envolve o governo é lento e discorda de o processo estar lento.

Se a gente olhar para esse prazo, não está tão demorado assim, não vejo tão atrasado em relação a outros processos administrativos. A questão que hoje vivemos um novo ritmo se espera tudo muito rapidamente. Eu discordo dessa ideia que está tão demorado assim esse processo, até porque a gente está dentro do prazo ainda para essa migração (MESSER, 2016).

Com isso, a burocracia vem atrapalhando o processo migratório, mas as emissoras também precisam trabalhar juntas, com pensamentos visando o melhor para o rádio no Brasil. Para migrar, não é somente pedir a autorização e pronto. Isso gera custos, que conforme já vimos neste artigo, pode ser muito caro. Além de pagar a diferença da outorga do AM para o FM, vários outros fatores aparecem. Os equipamentos para operar uma rádio na frequência modulada é diferente em relação ao AM, assim é preciso trocar toda aparelhagem, além de custos com a antena de transmissão, entre outros itens. Conforme Martins (2016), a Hulha Negra terá um gasto entre R\$ 300 mil a R\$ 400 mil. Já a Eldorado esse valor gira em torno de R\$ 350 mil a R\$ 450 mil.

Para todos, essa nova transformação que o dial brasileiro está passando é mais uma prova de que o rádio não acabará. Para Messer (2016), “é mais uma prova de que o rádio é imortal. O rádio não vai morrer nunca, o rádio irá se reinventar sempre, o rádio é imortal.

Comunicação é imortal, o rádio é um modelo mais prático de comunicação”.

Para a gestora da Hulha Negra, a migração poderá deixar o rádio mais convergente, indo a novos caminhos, que o deixarão mais forte como nunca. “Migrando para FM continuaremos prestando nosso trabalho de entretenimento, informação, prestação de serviço, mas, mais presente no povo, em mais dispositivos e com uma qualidade sonora melhor” (SALVARO, 2016).



Sendo assim, é natural que transformações sempre estarão na história do dial brasileiro e até mundial. Ele se reinventa a cada avanço tecnológico que surge. É uma adaptação ao que é exigido pelos ouvintes. Olbrisch (2016) completa dizendo que “o Rádio está em constante transformação e é isso que vai possibilitar que ele continue existindo ainda por muitos anos”. A migração trouxe mais uma sobrevida ao quase centenário rádio brasileiro.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo conseguiu apresentar em que fase está a migração das duas rádios, já que ambas pediram para migrar e são as únicas nas ondas médias na cidade. Tinha-se o objetivo de saber o motivo para as emissoras migrarem e o que as levou a tomar essa decisão. Além disso, foram respondidas questões mais específicas, verificar qual o cenário que se encontra Santa Catarina, se a programação das rádios criciumentes irá mudar, quando que a migração ocorrerá por completo em Criciúma e por último o que está impedindo que a frequência modulada seja implantada de vez no estado.

Considerando esses pontos, no artigo foi possível chegar a uma resposta em relação a fase que estão as emissoras. Tanto a Rádio Hulha Negra, quanto a Rádio Eldorado, estão aguardando a liberação do Governo Federal. Os pedidos de migração das duas ainda não foram analisados. Conseguindo a aprovação, elas terão seus termos aditivos assinados, sendo gerido o boleto da outorga e encaminhando para as últimas etapas antes de operar em FM. Por isso, não há um prazo definido para que isso ocorra, nem para que as emissoras migrem, depende muito do governo. O discurso dos dois representantes das rádios é diferente sobre a projeção para mudar de frequência. A Hulha Negra quer trocar de faixa assim que tiver a liberação, estando mais atenta ao processo e a Eldorado projeta operar no FM apenas em 2018, segundo informação de Messer (2016), demonstrando não ter muita pressa.

Analisando as respostas de Salvaro (2016) e Messer (2016), a necessidade, a tendência e a melhora da qualidade do som foram os principais motivos para o pedido de migração. Toda essa transformação que o dial brasileiro está passando, pode contribuir na retomada da audiência dos rádios AM. O grupo



Salvaro, por exemplo, demonstrou possuir mais interesse na migração, já que usará essa nova fase do dial para ampliar sua influência em Criciúma e região, estando mais atenta a necessidade da sociedade.

O processo migratório, segundo o presidente da Acaert, poderá dar as rádios possibilidade de incrementar os faturamentos com publicidade. Se a previsão dele ocorrer realmente, o investimento para trocar de faixa, que é alto, poderá ser recuperado em médio prazo com anúncios de empresas, entre outros tipos de publicidade. As rádios terão receitas maiores, dando a possibilidade de levar um conteúdo com ainda mais qualidade ao ouvinte. A partir desse passo, é papel da emissora construir um plano publicitário para conseguir lucrar com a migração. Falamos em publicidade porque é o que pode alavancar economicamente essas rádios.

Ao longo da produção deste artigo, as respostas sobre as programações não foram as esperadas. Autores e o próprio presidente da Acaert defendem que a programação do FM está cada vez mais com jornalismo, mas ao migrar, uma rádio AM precisa alterar seus programas. Para os representantes das duas emissoras, num primeiro momento não serão feitas mudanças na programação, que para ambos já segue um padrão mais FM. A resposta definitiva, se precisa ou não mudar, só saberemos quando a Hulha Negra e a Eldorado estiverem transmitindo na frequência modulada.

Para finalizar, a migração no Brasil é cercada de algumas dúvidas. Falta informação sobre o processo, o que dificulta entender exatamente o que é a migração no país, no que consiste. Por estar ocorrendo agora, é difícil de prever como as emissoras se adaptarão. O que sabemos são projeções baseadas no histórico do rádio e de opiniões de pessoas que estão inseridas no meio radiofônico. Um ponto unânime entre a maioria dos envolvidos no processo, é que migrar é uma sobrevida ao dial brasileiro, deixando ele com capacidades para competir com outros meios neste mundo cada vez mais globalizado. Novas tecnologias podem surgir e ameaçar o futuro do rádio, mas cabe as emissoras se reinventarem.



## REFERÊNCIAS

- ANATEL. Agência Nacional de Telecomunicações. **A extensão da faixa de FM (eFM) e a migração da faixa de OM: o quê fazer com os canais 5 e 6 da televisão na era digital.** Brasília: ANATEL, 2010.
- BALSEBRE, Armand. A Linguagem Radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio: textos e contextos.** Volume 1. Florianópolis: Editora Insular, 2005. p. 327-336.
- BETTI, Juliana Gobbi. **Migração das emissoras em amplitude modulada: as vozes do novo dial brasileiro.** 2015. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2015/anais/DT4/DT4-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** 2. Ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio.** São Paulo: Editoria Contexto, 2004. (Coleção Comunicação).
- MARTINS, Emerson. Entrevista concedida em: 24 out. 2016.
- MESSER, João Paulo. Entrevista concedida em: 13 out. 2016.
- MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO. <Disponível em: <http://mc.gov.br/>>. Acesso em: 15 maio 2016.
- OLBRISCH, Rubens. Entrevista concedida em: 20 out. 2016.
- PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 6. 2008, Natal, RN. **ANAIS ...** Natal, RN: Intercom, 2008. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/webradio\\_novos\\_generos.pdf](http://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/webradio_novos_generos.pdf)>. Acesso em 23 de outubro de 2016.
- SALVARO, Carol. Entrevista concedida em: 13 out. 2016.
- SENADO FEDERAL. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias>>. Acesso em 15 maio 2016.
- ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil.** Florianópolis: Editora Insular, 2012.